

NÃO SOU APENAS UM NA MULTIDÃO



Adilson Chitunda

NÃO SOU APENAS UM NA MULTIDÃO

A HISTÓRIA DE YESSWEYA

Huambo · Angola · 2024

NÃO SOU APENAS UM NA MULTIDÃO

A história de Yessweya

Adilson Chitunda

Huambo, Angola

1ª Edição
2024



Título: Não Sou Apenas Um na Multidão

Autor: Adilson Chitunda

Género: Narrativa Juvenil / Romance Social

Edição: 1ª Edição, 2024

País: Angola

© 2024 Adilson João Chitunda. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio — electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem a autorização prévia e escrita do autor.

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Filipa Puinha,
Cuja força silenciosa é o maior poema que alguma vez li.

Ao meu pai, Adérito Silva Chitunda,
Porque mesmo nas contradições, és a origem da minha
história.

A todos os que um dia se sentiram invisíveis no meio da
multidão —

Este livro é a prova de que a vossa voz importa.

"Aqueles que sabem muito devem ensinar os que sabem pouco, e aqueles que sabem pouco devem ensinar aos que não sabem nada."

— António Agostinho Neto

"Quem lê um livro nunca é a mesma pessoa."

— Autor desconhecido

"Perdedor não é aquele que cai; é aquele que cai e não se levanta."

— Provérbio

"Adultos costumam a trabalhar."

— Ben Ekuikui – Comunicólogo

ÍNDICE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
A Palavra do Autor	10
CAPÍTULO I.....	13
A Semente no Asfalto.....	13
A Origem do Nome	15
CAPÍTULO II	17
A Mãe	17
CAPÍTULO III.....	21
A Primeira Paixão	21
Nguevinha	22
O Encontro no Beco	24
CAPÍTULO IV.....	27
Sobre a Igreja e a Fé.....	27
A Minha Fé	28
CAPÍTULO V	30
Nova Fase, Novos Espinhos.....	30
Nguevinha e a Nova Fase	31
A Mãe que Trabalha em Silêncio	33
CAPÍTULO VI.....	34
Ascensão de Classe, Ascensão de Dificuldades	34

O Dilema.....	35
O Fecho da Lavagem	37
CAPÍTULO VII	39
O Primeiro Dia na Nova Escola	39
A Carteira Vazia	40
CAPÍTULO VIII	41
O Peso do Silêncio	41
O Que Acontece Quando Ninguém Vê	42
CAPÍTULO IX.....	44
A Tia Tchissola	44
O Plano Z.....	45
CAPÍTULO X.....	47
Quando o Sonho Fala mais Alto	47
O Projecto CINE-VILA.....	48
CAPÍTULO XI.....	50
A Carta ao Mundo	50
EPÍLOGO	52
<i>Não Sou Apenas Um</i>	52
NOTAS DO AUTOR	54
Agradecimentos.....	55
SOBRE ESTE LIVRO	56

INTRODUÇÃO

A Palavra do Autor

Escrevo esta narrativa para que todo o mundo possa saber que tudo na vida é uma fase passageira — tanto a alegria quanto o seu inevitável paradoxo, a tristeza. Nós, neste mundo, estamos todos de passagem, como folhas que o vento carrega sem pedir licença. Nenhum de nós foi feito de plástico para suportar mais de trezentos mil anos de existência; e precisamente por isso, com este livro, quero dizer: não sejamos apenas rostos apagados no meio da multidão.

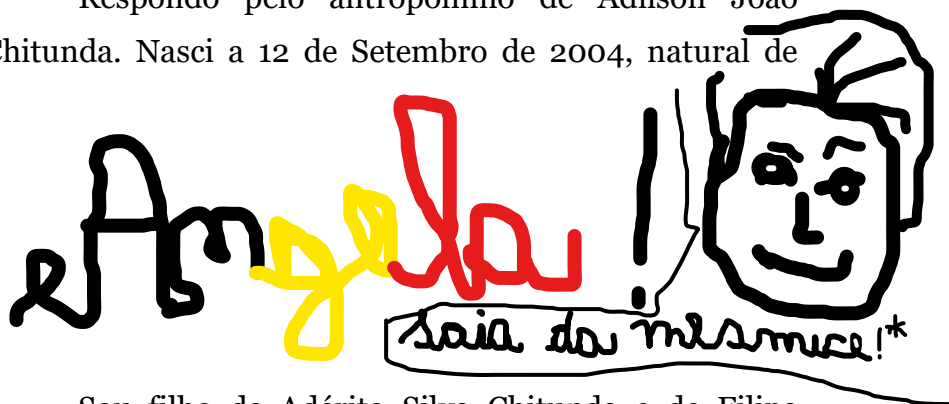
Espero que façamos deste mundo um lugar melhor para se viver. Vamos ajudar os outros — porque podemos estar a passar por dificuldades, mas nunca devemos esquecer que há quem sofre com feridas ainda mais profundas. Antes de reclamar por não ter pequeno-almoço, lembra-te de que há quem acorda a perguntar-se o que fará para poder jantar.

Diz-se que perdedor não é aquele que cai, pois cair faz parte da jornada de qualquer ser humano que caminha com os pés na lama e os olhos nas estrelas. Perdedor é

aquele que cai e não se levanta — aquele que desiste mesmo quando ainda há chão firme por debaixo dos pés.



Respondo pelo antropónimo de Adilson João Chitunda. Nasci a 12 de Setembro de 2004, natural de



Sou filho de Adérito Silva Chitunda e de Filipa Puinha. Sou professor voluntário num projecto denominado CINE-VILA, cujo objectivo é transmitir arte e cultura em zonas periféricas. Este projecto está actualmente focado na área pedagógica, oferecendo aulas gratuitas e fornecendo material didáctico aos mais carentes — porque acredito que a educação é a única arma que não mata, mas que transforma tudo o que toca.

Comecei a escrever esta narrativa no período de introdução para a juventude, quando ainda sentia na pele

a rugosidade dos desafios que se impõem a quem nasce sem o privilégio da facilidade. Escrevo-a profundamente para que cada um se reveja em alguns aspectos e possa despertar o seu interesse pela leitura — e, através dela, ampliar o horizonte do seu vocabulário, do seu pensamento e da sua alma.

"Quem lê um livro nunca é a mesma
pessoa."

— Autor desconhecido

Boa apetite — que esta narrativa te alimente como o pão alimenta o corpo: com calor, com substância, com a promessa de que amanhã haverá mais.

CAPÍTULO I

A Semente no Asfalto

Eu sou o Yessweya — um nome que soa como oração e que carrega o peso de um destino ainda por escrever. Um menino que quer lutar e mudar a sociedade em que está inserido; quem sabe, futuramente, conseguir mudar a sua província e, posteriormente, fazer deste mundo um lugar melhor para se viver. Porque acredito que um homem que não sonha com algo maior do que ele mesmo é como um rio que se recusa a correr para o mar.

Tenho apenas dez anos de idade e frequento a Sexta Classe. Dez anos — a mesma idade em que outros miúdos brincam com carrinhos e se preocupam com os desenhos animados. Mas os meus brinquedos são pensamentos, e os meus desenhos animados são os rostos das pessoas que passam pela rua com fome no ventre e dignidade nos olhos.

Passo por inúmeras dificuldades, como sementes que precisam de rachar o asfalto para encontrar a luz. Estudo muito distante de casa — uma distância que não é apenas geográfica, mas também social, económica e

emocional. A minha mãe é quitandeira, mulher de mãos calejadas e coração dourado, que vende o dia inteiro para que possamos sobreviver à noite. O meu pai é militar — um homem que escolheu o uniforme e abandonou a família dentro dele.

Não há quem me dê dinheiro, então tenho que lavar carros para ver se consigo jantar. Sim, jantar — porque a noite é muito mais longa quando o estômago reclama em silêncio, e tenho de acordar cedo para que não me atrase para a aula. Mesmo sofrendo discriminação por parte dos meus colegas que vivem nas suas mansões com jardins e portões automáticos, eu continuo. Porque um diamante não pede desculpa por ter sido carbono.



A Origem do Nome

O meu pai já foi pastor. É dali que surgiu tal nome: Yessweya (Yesuweya), que em português pode significar "Jesus veio" — aquele que traz as bênçãos para casa. Uma promessa enorme para um menino tão pequeno. E foi, precisamente, o paradoxo: o portador das bênçãos nasceu na casa onde as bênçãos pareciam ter se esquecido do endereço.

A minha mãe era professora — uma mulher que ensinava outros filhos enquanto o seu próprio precisava de cuidados que ela mal conseguia prestar. Por eu ter nascido prematuramente, causei-lhe numerosas doenças que só começaram a sarar depois de eu completar cinco anos. Nesse tempo, foi demitida por conta da sua ausência constante no trabalho — como se o amor de mãe fosse uma falta grave que merecia punição.

O meu pai teve que parar de dar cultos para tomar conta de mim e da minha mãe, o que desencadeou nele uma depressão profunda como um poço sem fundo. Depois de tudo, a única solução foi voltar a ser militar, sair da reserva — porque só assim teríamos algo para comer. Só que... Hum! O meu pai trazia apenas dez por cento do

seu salário para casa, e desse dinheiro, metade ia para as suas bebidas e a outra metade para o consumo mensal de nós três.

"Quanto mais se cresce, maiores são as despesas — e menores parecem ser os braços para as segurar."

— Yessweya

Quando se diz dez por cento, até parece que ele ganhava muito, não é? Não. O seu salário mensal era de cento e cinquenta mil kwanzas. A pergunta que ficava suspensa no ar como fumo: onde ia o restante? Nem a minha Tia Tchissola sabia. E ela sabia de quase tudo.

CAPÍTULO II

A Mãe

Recebo a notícia como se recebe uma faca no peito — sem aviso, sem preparação, com toda a dor concentrada num único instante. Uma quitandeira havia sido espancada brutalmente por um fiscal, simplesmente por se recusar a entregar o dinheiro que ele exigia. Ela não tinha dado o dinheiro porque não havia vendido nada naquele dia — e a pobreza, às vezes, é a única dignidade que nos resta.

Mais tarde, a espera começou a pesar como chumbo. Ela dificilmente se atrasava, e quando havia necessidade de se atrasar, avisava sempre por uma vizinha — um recado simples, mas um gesto enorme de respeito pelo nosso coração. E desta vez, o silêncio era diferente. O silêncio tinha o sabor amargo do medo.

Fomos à sua procura, eu e o meu pai que, felizmente, naquele dia estava consciente — um homem que às vezes vive do outro lado de uma garrafa, mas que naquele momento era apenas um pai assustado. Passámos pelos lugares que ela frequentava, como quem lê os

capítulos de um livro à procura de uma frase que já conhece. Recusávamo-nos a acreditar que a vendedora dos rumores era ela.

Depois de tanta busca sem sucesso, voltámos para casa. Não demorou muito, e a minha tia chegou — descalça, com um lado do pano sobre as mãos trémulas, banhada de lágrimas, sem fôlego, bem cansada porque também andara à nossa procura para nos dizer que a lesada era da nossa família. O mundo desmoronou naquele momento, silenciosamente, como uma parede que não faz barulho ao cair.



No primeiro instante, não acreditámos — até que toda a vizinhança se juntou em frente à nossa porta, com os sentimentos de pesar escritos nos rostos como palavras que ninguém quer ler. Fomos para o hospital e, infelizmente, tivemos de acreditar quando a vimos, minutos antes de entrar na UTI. Não adiantava chorar — as lágrimas não têm o poder de desfazer o que os punhos fizeram. Mesmo assim, estávamos todos cabisbaixos, sem forças, como árvores depois da tempestade.

— **Médico:** Ela está em mau estado e tem de ficar internada. Sofreu uma grande fractura craniana e perdeu a capacidade de locomoção. A família tem de estar sempre a par do que se passa aqui. Compreendeu?

— **Yessweya e pai:** Sim...

A resposta saiu baixinha, em simultâneo, como uma só voz partida ao meio. Voltámos para casa carregando o peso daquela noite como fardos que ninguém nos ajudou a pôr no chão.

Noite sem sono. Tanto para o meu pai quanto para mim. Orávamos separadamente e, por ironia do destino, em simultâneo — até parecia uma única oração com duas vozes. O meu pai, mesmo no vício das bebidas, nunca esqueceu de orar. Há contradições que só Deus compreende.

De madrugada, levantei a cortina do seu quarto para ver se ele estava bem, e encontrei um bilhete sobre a cama — palavras pequenas com um peso enorme:

"Todo o homem em sofrimento que acorda depois das sete horas não muda a sua situação financeira para melhor."

— Bilhete do pai

Peguei o papel, copiei as palavras numa folha de formato A4 em tamanho maior, e coleí-a na parede do meu quarto — no lado inferior da cama, para que sempre que acordasse ou estivesse para dormir não me esquecesse daquela sabedoria. Não era preciso alarme, porque eu já acordava de madrugada para fazer leitura. As palavras do meu pai, mesmo que chegassem embrulhadas em contradições, eram sementes que eu não deixaria morrer.

CAPÍTULO III

A Primeira Paixão

Como todos os seres humanos — dos poetas aos guerreiros, das rainhas aos mendigos — eu também me apaixono. E quando o amor aparece, não pede licença nem consulta as circunstâncias.

Lá se vou eu, depois de lavar carros... Ando pela rua assobiando de alegria, como pássaro que não sabe que a gaiola existe. Desta vez consegui lavar mais de seis carros e tive um lucro acumulado de seis mil kwanzas — uma fortuna para quem habitualmente conta os tostões com cuidado de quem conta estrelas.

Normalmente lavo apenas um a três carros, porque este trabalho, embora aparente ser simples, é uma arte que poucos valorizam. Se soubessem o quão exigente é — a água fria nas mãos, o sol nas costas, o orgulho de entregar um carro brilhante como espelho —, valorizariam cada kwanza que pagam.

Estou a caminhar por uma rua semi-alagada, toda com lamas de um canto ao outro, mas isto não foi suficiente para abalar o meu astral naquele momento. O

barro era apenas o cenário; a alegria era a protagonista. De repente, paro.

E uau! Vi um exemplo prático de anjo na terra.



Nguevinha

Lá estava ela — a Nguevinha. A mais desejada da turma do lado, com olhos castanhos como o chocolate mais suave, cabelos que tinham a cor do pôr do sol sobre o Huambo, e um sorriso claro como neve recém-caída sobre tudo o que era feio no mundo. Uma colega da turma ao lado, cubiçada por todos — e até mesmo por mim, que nunca tivera a coragem de lhe dirigir sequer uma saudação.

Para mim, uma troca de olhar é mais do que o suficiente. Uma troca de olhar é uma sensação que pode ser comparada ao que os bebés sentem ao serem amamentados — uma completude, uma segurança, um calor que vem de dentro para fora. Mesmo que ela estivesse a olhar para alguém que estivesse atrás de mim, desde que o olhar viesse na minha direcção, eu recebia-o e guardava a imagem no cartão do meu coração.

Até parece brincadeira, mas eu irei ao casamento desta Nguevinha — querendo ou não, estarei com ela no altar. Se for como esposo, tanto melhor; se for como o reverendo que celebra o alembamento, seja assim. O que sei é que o destino nos aproximará.

Tudo isso pensei num minuto enquanto ela passava de carro com o seu pai, o meu futuro sogro.

"Tenho um pensamento muito elevado. A minha maior barreira é a minha timidez."

— Yessweya

A timidez é uma jaula invisível. Se não fosse ela, muita gente não morreria com os sonhos por realizar; muita gente não casaria com a pessoa errada por não ter conseguido dizer à pessoa certa o que sentia; muita gente reivindicaria os seus direitos, gritaria os seus sonhos, pisaria o palco que merece. Sou tímido — e a timidez é um icebergue cuja parte visível é o silêncio, mas cuja parte submersa contém oceanos de palavras não ditas.



O Encontro no Beco

Lá ia eu com os meus seis mil kwanzas, feliz ao quadrado — riqueza incomum para mim, somada ao privilégio de ter visto a minha amada. Saltitava nas poças de lama, cantava, e o mundo parecia menor do que os meus sonhos. Passando o minimercado, mesmo antes de entrar em casa, alguém chama por mim a partir de um beco escuro.

— Ei! Psiu!

— **Yessweya:** Quem, eu?

— Sim, tu.

O coração disparou. Eram os marginais do bairro — e a cachaça que exalavam era o perfume da violência.

— Tudo bem consigo? Dá-nos ainda ngwesso.

— **Yessweya:** Infelizmente não tenho cinquenta kwanzas.

— E se nós revistarmos você, podemos levar tudo o que tens. Melhor é tu cooperar, kandengue.

Ao dizer isto, sacaram uma faca semi-enferrujada e uma chave de fenda — instrumentos que a desesperança

fabrica. As minhas pernas estavam bambas, a minha voz sumiu-se algures entre o estômago e a garganta.

E foi então que o destino — ou Deus, que talvez seja a mesma coisa — enviou o senhor Hossi pela rua. O pai da Nguevinha, um dos meus clientes, vinha precisamente à minha procura para me pedir que lavasse o seu carro. Ao vê-me no beco, compreendeu tudo sem que fosse preciso dizer quase nada.

— **Sr. Hossi:** O que fazes cá, Yessweya?

Os marginais foram enxotados. O bairro despertou. A justiça improvisada fez o seu trabalho, e eles foram levados à esquadra.

Quando o senhor Hossi me pediu para lavar o seu carro, recusei com dignidade — havia medicamentos para comprar para a minha mãe. Ele ficou sem palavras. A sua filha, Nguevinha, que ia de mãos dadas com ele, olhou para trás... e sorriu. Desta vez ela olhou para mim. Não para a parede, não para alguém ao meu lado, não para as minhas roupas gastas. Olhou para mim — para o Yessweya. Ela ainda não sabia que estava a olhar para o seu futuro

marido. O impossível é um icebergue constituído por flocos possíveis — e eu já tinha começado a derreter o meu.

CAPÍTULO IV

Sobre a Igreja e a Fé

A igreja é um lugar para pessoas imperfeitas — e isso é precisamente a razão pela qual deveria ser aberta a todos. Se quisermos uma sociedade melhor, devemos parar de discriminar os indivíduos que chegam à casa de Deus com os trajes que a vida lhes deixou.

Jovens com brincos, com tranças, bêbados, e até aqueles que a sociedade rotula de ladrões — quando entram numa igreja e são discriminados, não é Deus quem os rejeita. São os homens que se esqueceram de que o próprio médico que fundou este movimento comia com pecadores e dormia sob as estrelas.

Sou apologista de que a igreja deve ser frequentada maioritariamente por pessoas ditas "ruins" — porque o inconsciente delas está à procura de refúgio, de uma ponte de salvação, de uma mão estendida. Só que o que muitos não sabem é que estão a ser leões herbívoros em cativeiro com zebras. E dali nascem outras complicações: "Para quê ir à igreja se eles, ao invés de verem o que eu quero me tornar, olham apenas para o que apresento?" É assim que

se perde a salvação, a esperança, e se estraga um futuro jovem com uma consciência capaz de fazer o bem.



A Minha Fé

Falando de mim neste aspecto: dificilmente vou à igreja — por falta de tempo, outras vezes por preguiça, que é a preguiça de quem carrega demasiado fardo e já não tem força para mais uma obrigação. Houve tempos em que não faltava nem um dia. Pertencia a um grupo, focava-me em ir sempre, deixava outras coisas de lado para estar lá. Era conhecido no bairro como "o homem da igreja".

Mas com o aumento das necessidades, tive de mudar de prioridades. E ver a vida de outra forma: seja ela vertical — a minha relação com Deus — ou horizontal — a minha relação com os outros. Aprendi que fé não vive apenas dentro de quatro paredes com telhado e sino. Fé vive na decisão de se levantar de manhã quando tudo pesa.

Depois surgiu em mim a necessidade de fazer algo pelos mais necessitados. Porque sei que sofro — mas há

quem sofra mais e com menos condições. Em média, de vinte em vinte pessoas, cinco pensam em ajudar e apenas uma ajuda sem esperar nada em troca.

"Para ajudar, o dinheiro é apenas um dos muitos meios. Há quem pense não poder ajudar por não ter um grande montante — e assim fica à espera de uma riqueza que talvez nunca chegue."

— Yessweya

Penso sempre assim: a ajuda começa quando cedes o lugar a um adulto, quando não tiras o que pertence a outrem, quando ensinas o que sabes a quem não sabe. Como disse o poeta maior, António Agostinho Neto: "Aqueles que sabem muito devem ensinar os que sabem pouco, e aqueles que sabem pouco devem ensinar aos que não sabem nada." Se todo o mundo praticasse atitudes que culminam no bem comum, valorizava-se a vida, diminuía-se a pobreza, e ganhava a humanidade inteira.

CAPÍTULO V

Nova Fase, Novos Espinhos

Estou a entrar numa fase muito complicada. O corpo começa a mudar — pelos a aparecerem em sítios novos, a voz a trair-se nos momentos mais inoportunos, o coração a bater mais depressa quando ela passa. Estou assustado, não porque a adolescência seja um monstro, mas porque ninguém me avisou que chegaria assim, de repente, sem convite.

Não sei se compro algo para comer ou se poupo para produtos de auto-higiene. "Quanto mais se cresce, maiores são as despesas" — e os recursos continuam a ser os mesmos: as minhas mãos, a água fria do balde, e a esperança de que alguém necessite de um carro lavado.



Nguevinha e a Nova Fase

E depois está ela. A Nguevinha — aquela miúda toda tímida de olhos castanhos como chocolate derretido, cabelos loiros como o pôr do sol, sorriso claro como neve que caiu sobre tudo o que era cinzento na minha vida.

Ela sabe que não tenho nada para além de amor. E mesmo assim, quer ficar comigo — porque, segundo ela, "eu penso em coisas positivas". E é isso que ela adora. Num mundo onde muitos procuram riqueza, ela procurou perspectiva.

Sei que sou adolescente e estou numa fase confusa como neblina sobre o rio de manhã cedo. Mas há clareza em mim: creio que esta é a menina que levarei ao altar e com ela construirei um lar.

Lar. Sempre que penso nisto, bate uma saudade enorme do meu pai e da minha mãe — que devido às suas ocupações não têm tempo para mim. Nem quando estou doente eles dão conta. Para eles, basta verem-me a respirar. Uma vez, tentei atrair a atenção deles simulando um desmaio — e eles só mostraram interesse porque eu estava com o copo de vidro favorito deles na mão. Esse dia

ficou gravado em mim como uma cicatriz que não dói, mas que se vê sempre que se olha para o espelho.



A Mãe que Trabalha em Silêncio

A minha mãe faz de tudo para estar comigo — as ocupações é que não lhe permitem. Acorda antes do galo e regressa depois do sol se deitar. Não tem tempo para se aprumar como as senhoras da sua idade. Não se fala de postiço, nem de peruca, porque estas são as penas caprichos do mundo que só atrapariam o desenvolvimento do seu negócio. Ela é uma mulher que escolheu a substância em vez da aparência — e eu a admiro por isso como o campo admira a chuva.

O meu pai faz totalmente o contrário. Arranja sempre motivos para não estar comigo. Quando está embriagado, dirige-me apenas palavras que ferem — palavras que saem afiadas como facas sem cabo, que cortam quem as recebe e quem as lança. Já cheguei a questionar se é mesmo meu pai. Mas é — porque ele é o primeiro, único e último amor da minha mãe, que o conquistou muito cedo. Um casamento precoce, como era normal naquela época. Uma história de amor que começou como poema e depois se tornou prosa dura.

CAPÍTULO VI

Ascensão de Classe, Ascensão de Dificuldades

Fui aprovado para uma nova classe — um novo subsistema de ensino, um novo capítulo da minha vida escolar. Novos colegas, novos professores, novas disciplinas, novos desafios. O mundo academico abre-se como livro que ainda não foi tocado por mãos humanas, cheio de promessas e de páginas em branco por escrever.

Dizem que estas classes são mais difíceis. E eu acredito — porque na vida, quanto mais se sobe, mais vento se encontra. Os dias passam e estou na contagem decrescente para o início das actividades pedagógicas, mas não tenho material didáctico. Tenho apenas a determinação, e ela, embora não apareça em nenhum catálogo de material escolar, é o mais valioso dos instrumentos.



O Dilema

Agora não sei se devo trabalhar para o material escolar ou se pago as contas com a clínica onde a minha mãe está internada — em coma há já algum tempo, presa entre o mundo dos vivos e o silêncio dos que adormeceram. A minha tia está sempre a ajudar com o que pode, e eu aprendi uma lição preciosa: quando alguém te ajuda com frequência, aprende a pedir pouco — ou mesmo nada. Simplesmente espera e vê o que ela pode fazer. O amor generoso não precisa de ser esgotado para continuar a existir.

Actualmente, o meu material resume-se ao seguinte: uma esferográfica, três cadernos já usados com páginas em branco espalhadas pelo meio, uma bata rota que já conheceu melhores dias, e uma pasta muito danificada que carrego com a dignidade de quem sabe que o que está dentro dela vale mais do que o recipiente.

Quanto à roupa, já nem me preocupo com marcas. O que me importa é vestir roupa limpa e bem organizada. Beleza de roupa é um conceito relativo — e a minha realidade há muito deixou de ser um concurso de moda.

Sou um pobre a passar por necessidades, não um demente.
E há uma diferença enorme entre os dois.



O Fecho da Lavagem

A nossa estação de lavagem de viaturas — que nós chamávamos carinhosamente de "a nossa padaria", porque era dali que vinha o pão do dia — foi encerrada. Fomos proibidos de realizar o processo de lavagem sem os documentos legais necessários. Para os obter, seria preciso um montante de dinheiro trezentas por cento superior ao nosso lucro anual. Uma montanha que não se escala sem equipamento.

Por não querermos ter problemas com o governo, optámos por encerrar enquanto não conseguirmos legalizar a nossa actividade. E assim, a nossa fonte de sustento secou como um rio na época seca — de forma silenciosa, mas definitiva.

"Graças a Deus, mesmo a passar por
enumeros problemas, possuo um vasto
positivismo que por vezes contamina quem
está comigo."

— Yessweya

Novos desafios, novas dificuldades — mas eu vou.
Tenho que mudar este quintal que chamam de bairro.

Sei que noventa, senão mesmo noventa e nove por cento dos que evoluem pensam apenas na auto-realização. "Cada um por si, Deus para todos" é o lema que mais se repete. Quando na verdade um indivíduo só se sente verdadeiramente realizado depois de ter ajudado outrem — porque a felicidade partilhada é a única que cresce ao ser dividida.

Nós não queremos tudo — apenas o suficiente.

Nós não somos máquinas — temos sentimentos.

Nós não trabalhamos só para nós — temos família.

Nós não somos seres autónomos — dependemos uns dos outros.

CAPÍTULO VII

O Primeiro Dia na Nova Escola

Chegou o tão esperado dia. Hoje irei à escola pela primeira vez depois de tanto tempo em férias — férias que foram tudo menos descanso, mas que me ensinaram mais do que qualquer livro poderia.

Mal consegui dormir. Acordei de madrugada, numa hora em que o galo ainda não levanta para cantar, numa hora em que o silêncio é tão completo que se ouve o próprio coração a trabalhar. Os ratos ainda nos seus buracos, as baratas ainda não fazem confusão nos utensílios de cozinha, os grilos não incomodam. Só eu, acordado, olhando para o tecto como quem lê um mapa que não tem destinos escritos.

Três horas antes do início das aulas, já estava totalmente preparado. Então desviei-me de tanta antecipação e adormeci por mais três horas — porque o corpo cansa mesmo quando a alma está desperta. E atrasei-me. Logicamente, atrasei-me logo no primeiro dia.



A Carteira Vazia

Chegando à turma, já tinha perdido duas aulas. Havia apenas uma carteira vaga — a única que vi disponível naquela hora — enquanto os restantes colegas já estavam agrupados em subgrupos recém-formados, rindo uns com os outros com a facilidade de quem nunca teve razão para não rir.

Olhavam para o meu sapato todo esfurado — o mesmo sapato que já está comigo há tanto tempo, que apanhei em condição reutilizável num dia em que o destino foi generoso. Um sapato que contém dentro de si a história de dois pares de pés. Senti os seus olhares como agulhas pequenas, mas não deixei que entrassem fundo. Sentei-me, abri o caderno usado, e decidi que o importante não era o sapato que trazia nos pés, mas o caminho que pretendia percorrer com eles.

Uma boa parte de nós sabe o quão difícil é levantar a voz quando se chega atrasado. É como entrar num teatro a peça já a correr — todos viram, todos julgam, e tu só queres que o chão te engula. Mas o chão não engole sonhos. E eu continuei.

CAPÍTULO VIII

O Peso do Silêncio

Há dias em que o silêncio é mais pesado do que qualquer palavra que já foi dita. São os dias em que a casa está vazia de vozes mas cheia de memórias — os dias em que a minha mãe não está e o meu pai também não está, e eu fico sozinho com os sons do bairro lá fora como única companhia.

O bairro tem os seus próprios ritmos. De madrugada, é o latir dos cães a velar as ruas. De manhã cedo, são as mulheres que se dirigem à fonte com baldes equilibrados na cabeça como coroas — dignidade vertida em equilíbrio. Ao meio-dia, são os gritos das crianças que ainda não aprenderam que a vida tem peso. À tarde, é a música que sai das janelas abertas, misturando-se com o cheiro de comida e de fumo de carvão. À noite, é o silêncio que regressa — e nesse silêncio, eu penso.



O Que Acontece Quando Ninguém Vê

Ninguém vê quando choro. Não choro como os fracos — porque chorar não é fraqueza; choro como os corajosos que reconhecem que a dor merece ser sentida antes de ser superada. Choro quando a fome é longa demais e os pensamentos são mais rápidos do que as soluções. Choro quando penso na minha mãe na cama de hospital, com o corpo preso mas talvez a alma ainda a voar por algum lugar onde não há fiscais nem sofrimento.

Mas depois de chorar, levanto-me. Porque a gravidade puxa o choro para baixo, mas há em mim uma força que puxa para cima — uma força que não tem nome, mas que eu chamo de futuro.

O futuro é a única propriedade que os pobres possuem com a mesma abundância que os ricos. Ninguém pode comprar mais futuro do que eu tenho. Ninguém pode roubar os sonhos que guardo no cofre do meu peito. E é por isso que, apesar de tudo, continuo.

"O futuro é a única propriedade que os pobres possuem com a mesma abundância que os ricos."

— Yessweya

Há noites em que fico a ler até a vela acabar. Livros que apanhei aqui e ali — alguns doados, outros encontrados, outros lidos às escondidas nas prateleiras das livrarias que nunca comprei nada. Cada página é uma janela para um mundo onde a pobreza não define o limite do pensamento. Onde um menino do Huambo pode sonhar com os mesmos horizontes que um menino de Paris ou de Lisboa.

E é nessa leitura silenciosa, à luz de uma vela que faz sombras nas paredes do quarto, que me descubro. Que descubro que não sou apenas um número nas estatísticas da pobreza. Que não sou apenas o filho do militar bêbado e da quitandeira espancada. Sou o Yessweya — e Yessweya significa que Jesus veio. Que há bênçãos a chegar, mesmo que ainda estejam a caminho.

CAPÍTULO IX

A Tia Tchissola

Existem pessoas no mundo cujo coração foi feito de material diferente — um material que não enferruja com o tempo, que não racha com o peso, que não escurece com as tempestades. A minha tia Tchissola é feita desse material. O seu coração é puro como a urina de um recém-nascido — expressão que pode parecer estranha, mas que na nossa cultura significa a pureza mais absoluta, aquela que ainda não foi contaminada pelo mundo.

Ela é responsável pelos meus estudos. Vive numa casa grande onde o quarto não é cozinha, a cozinha não é sala, as paredes não são cortinas e a cama não está ao lado do fogão. Uma casa real — com compartimentos que cumprem as suas funções, com espaço para cada coisa e cada coisa no seu espaço. Para mim, que cresci num lugar onde tudo se sobrepõe a tudo, a casa da tia Tchissola é quase um conceito filosófico.



O Plano Z

Só lá vou de quando em vez. Porque aprendi a não desgastar a generosidade de quem nos ama. A tia Tchissola é o meu Plano Z — só lá apareço quando fico três dias seguidos sem comer. Três dias. É o limite que estabeleci para mim mesmo, não por orgulho, mas por respeito. O orgulho mata a gratidão; o respeito alimenta-a.

Ela nunca pergunta porquê. Coloca comida na mesa, senta-se ao meu lado, fala de coisas simples — do tempo, do bairro, de uma vizinha que fez alguma coisa engraçada — e deixa-me comer em paz. Não faz da minha fome um espectáculo. Não transforma o seu acto de amor num relatório de caridade. Simplesmente partilha o que tem, como se partilhar fosse o gesto mais natural do mundo. E talvez seja.

Quando a minha mãe foi para o hospital, foi ela que ficou. Quando o meu pai desapareceu para o mundo das bebidas, foi ela que apareceu. Quando eu precisei de caneta e caderno, foi ela que comprou. Não com palavras de sermão nem de condição — apenas com a simplicidade de quem sabe que amor é um verbo que se conjuga em acção.

"Quando alguém te ajuda frequentemente,
aprende a pedir pouco. Simplesmente
espera e vê o que ela pode fazer por ti."

— Yessweya

Há um ditado no nosso bairro que diz que a família de coração vale mais do que a família de sangue. Não sei se é verdade universal — mas no meu caso, a tia Tchissola prova que pode ser. Ela não me deu a vida. Mas ajudou-me a não perder a vontade de vivê-la.

CAPÍTULO X

Quando o Sonho Fala mais Alto

Há uma voz dentro de mim que não se cala. Não é a voz da fome — essa eu já aprendi a ignorar até certo ponto. Não é a voz do medo — essa eu enfrento todas as manhãs antes de sair de casa. É a voz do sonho — e essa é a mais persistente de todas. Ela fala quando estou acordado, sussurra quando adormeço, e está lá na manhã seguinte, intacta, como se a noite não tivesse conseguido apagá-la.

O sonho que tenho é simples na sua essência e imenso na sua ambição: quero que o meu bairro seja diferente. Quero que as crianças que crescerem aqui depois de mim não precisem de lavar carros para jantar. Quero que as mães não sejam espancadas por fiscais por não terem dinheiro para dar. Quero que os pais não se afoguem em garrafas de cachaça por não conseguirem suportar o peso da vida.



O Projecto CINE-VILA

É por isso que, quando crescer — e quando digo crescer não falo apenas de altura mas de possibilidades —, quero continuar o trabalho que já comecei como voluntário no projecto CINE-VILA. Um projecto que leva arte e cultura às zonas periféricas, que dá aulas gratuitamente, que distribui material didáctico, que acredita que a cultura é o alimento da alma assim como o arroz é o alimento do corpo.

Porque eu acredito que a transformação de uma sociedade não começa nos parlamentos nem nas avenidas largas das cidades grandes. Começa numa sala de aula improvisada, com um professor que não recebe salário mas que recebe gratidão. Começa num livro doado a uma criança que nunca tinha tocado num. Começa numa história contada à luz do fogo, que planta na mente de um menino a ideia de que o mundo pode ser diferente.

E esse menino pode ser eu. E pode ser você. E pode ser o Yessweya.

"Um indivíduo só se sente verdadeiramente realizado depois de ter ajudado outrem —

porque a felicidade partilhada é a única que cresce ao ser dividida."

— Yessweya

Sei que o caminho é longo. Sei que há pedras no caminho que eu ainda não vi. Sei que haverá dias em que o cansaço será maior do que a força. Mas também sei — com a certeza de quem aprendeu a ler bilhetes colados na parede do quarto — que o homem que acorda cedo muda a sua situação. E eu acordo sempre cedo. Sempre.

CAPÍTULO XI

A Carta ao Mundo

Se pudesse escrever uma carta ao mundo — a este mundo grande, barulhento, belo e injusto —, começaria assim:

Caro mundo,

Chamo-me Yessweya, e tenho dez anos. Vivo num bairro do Huambo que tu talvez nunca visites, numa casa que tu talvez nunca conheças. Durmo sobre um colchão que já viu melhores dias, estudo com cadernos usados, e calço sapatos que já conheceram dois pares de pés.

Mas tenho uma coisa que nem o mais rico dos homens me pode roubar: tenho sonhos. E os meus sonhos são maiores do que a minha pobreza.

Peço-te apenas isto: olha para as pessoas que passam invisíveis ao teu lado. O menino que lava o teu carro, a mulher que vende na esquina, o senhor que dorme no banco do jardim. Eles não são invisíveis porque não têm valor — são invisíveis porque tu ainda não aprendeste a ver.

Aprende a ver. Porque no dia em que aprenderes, o mundo ficará imediatamente melhor.

Com amor e esperança,

Yessweya



Esta carta nunca foi enviada. Ficou dobrada no bolso do meu casaco durante semanas, até o papel começar a desfazer-se nas dobras. Mas as palavras ficaram. As palavras ficam sempre — porque são a única coisa que o tempo não consegue desgastar completamente.

Num bairro onde poucas pessoas escrevem cartas ao mundo, eu fui o que as escreveu. E talvez seja isso o suficiente para começar a mudar alguma coisa.

EPÍLOGO

Não Sou Apenas Um

O Yessweya não é apenas um personagem. É um espelho — e nesse espelho, quem olha pode ver-se.

É o filho de quem sacrificou tudo e recebeu pouco em troca. É o estudante que caminha longas distâncias com sapatos furados e sonhos inteiros. É o adolescente que se apaixona de forma absoluta sem ter ainda palavras para o dizer. É o crente que questiona a fé sem a abandonar. É o voluntário que ensina porque sabe que ensinar é a forma mais pura de multiplicar o que se tem.

Em cada bairro de Angola, em cada rua de Luanda, do Huambo, do Lobito, do Namibe — há um Yessweya. Em cada sala de aula com paredes de adobe e tecto de zinco, há uma inteligência esperando por uma oportunidade que tarda em chegar. Em cada quitanda de rua, há uma mãe que luta em silêncio. Em cada garrafa abandonada numa esquina, há um homem que um dia foi pastor e esqueceu o caminho de casa.



Este livro não foi escrito para ser perfeito. Foi escrito para ser verdadeiro. E a verdade, como a urina de recém-nascido, é pura precisamente por não ter passado ainda pelos filtros da convenção.

Se esta história te fez sentir alguma coisa — raiva, comoção, esperança, reconhecimento —, então cumpriu o seu propósito. Porque os livros não existem para ser lidos. Existem para ser sentidos. E depois de sentidos, para transformar quem os sentiu.

Não sou apenas um na multidão. Tu também não. Nenhum de nós é.

E é exactamente por isso que importa — cada um de nós, cada história, cada lágrima, cada sorriso rasgado numa rua semi-alagada de uma cidade que o mundo ainda não aprendeu a pronunciar bem.

"Não sejamos apenas uns no meio da multidão."

— Adilson João Chitunda

NOTAS DO AUTOR

Este livro nasceu de uma necessidade interior de falar sobre o que vejo, o que vivo e o que sonho. Cresci no Huambo, uma cidade que me ensinou que a dignidade não tem endereço fixo — ela mora em cada pessoa que decide não desistir.

Os personagens desta narrativa são ficcionais na sua forma, mas verdadeiros na sua essência. Qualquer semelhança com pessoas reais não é coincidência — é intenção. Quis que cada leitor reconhecesse alguém nestas páginas. Quis que cada leitor se reconhecesse.

O Projecto CINE-VILA, mencionado nesta obra, é real. A ele dedico parte do meu tempo e da minha energia, na crença de que a arte e a cultura são ferramentas de transformação social tão poderosas quanto qualquer lei ou política pública. Talvez mais.



Agradecimentos

A todos os professores que me ensinaram não apenas conteúdo, mas postura perante o mundo.

A você, leitor — por ter chegado até aqui. O facto de ter chegado até esta página diz muito sobre quem você é.

Adilson Chitunda

Huambo, Angola, 2024

SOBRE ESTE LIVRO

Yessweya tem dez anos, sapatos furados e sonhos inteiros. Vive num bairro do Huambo onde a pobreza não é exceção mas regra, onde as mães vendem na rua e os pais se perdem nas garrafas, onde os fiscais espancam quem não tem dinheiro para dar. Mas Yessweya tem algo que a pobreza não consegue comprar nem roubar: a capacidade de sonhar com algo maior do que a sua circunstância.

"Não Sou Apenas Um na Multidão" é a história de um menino que cresce entre dificuldades e dignidade, entre o amor impossível e a paixão pelo saber, entre a fé questionada e a esperança inabalável. É uma narrativa sobre Angola — e sobre a humanidade que nos é comum a todos.

Adilson Chitunda

Hands On | Huambo, Angola

"Quem lê um livro nunca é a mesma pessoa."

“Yessweya tem dez anos, sapatos furados e sonhos inteiros.

No bairro do Huambo onde pobreza não é exceção mas regra, ele descobre que o impossível é um icebergue constituído por flocos possóveis – e decide derreter o seu.”



Adilson Chitunda

Adilson Chitunda